

OS POSTULADOS DA ANÁLISE FUNCIONALISTA NA GEOGRAFIA E SEUS ASPECTOS IDEOLÓGICOS*

*Silvio Carlos Bray ***

INTRODUÇÃO

A análise funcional na Geografia cresceu e firmou-se nos mais variados centros. No entanto, podemos observar que suas abordagens são fragmentadas e de pouca profundidade. Isto é uma consequência da falta de trabalhos na Geografia que abordem os problemas da análise funcional em todos os seus aspectos, desde os teóricos, metodológicos, técnicos e ideológicos.

Em decorrência dessa lacuna existente nos estudos de abordagem funcional na Geografia, tivemos que basear-nos nas obras dos teóricos do funcionalismo nas ciências humanas, principalmente em Robert K. Merton e Florestan Fernandes.

De acordo com Florestan Fernandes, o funcionalismo apresenta-se em três (3) fases contínuas mas distintas; são elas:

- 1.^a) funcionalismo organicista;
- 2.^a) organização dos conceitos e orientação interpretativa;
- 3.^a) revisão crítica e sistematização teórica (FERNANDES, 1967: 185-215).

A abordagem funcional na Geografia permaneceu durante longo tempo inserida na 2.^a fase (organização dos conceitos e orientação interpretativa), faltando por parte dos geógrafos funcionalistas uma maior preocupação quanto às "revisões críticas" e ressentindo-se, portanto a análise funcional de uma melhor sistematização teórica

* Agradecemos aos Profs. Drs. José Fernando Martins Bonilha e Max Henri Boudin pelas sugestões e orientações dadas sobre o Funcionalismo.

** Professor de Geografia do Instituto de Planejamento e Estudos Ambientais de Presidente Prudente da Universidade Estadual Paulista.

Merton diz o seguinte: "Como todos os esquemas interpretativos, a análise funcional depende de uma tríplice aliança entre a teoria, o método e os dados. Dos três aliados, o método é, em todos os aspectos, o mais fraco" (MERTON, 1970: 85). Quanto à Geografia Funcionalista, observamos claramente que os *dados* têm um papel mais importante do que a teoria e o método.

Os analistas funcionais, tanto na Geografia como nas demais ciências humanas, baseiam-se em três postulados muito interligados que muitas vezes se confundem entre si; são eles:

- 1.º) postulado da unidade funcional terrestre;
- 2.º) postulado do funcionalismo universal;
- 3.º) postulado da indispensabilidade (MERTON, 1970: 91).

Para melhor caracterizar esses postulados funcionais na Geografia, tivemos como meta os estudos básicos dos clássicos Vidal de La Blache e Jean Brunhes, por serem os mais expressivos iniciadores e organizadores da fase fundamental do funcionalismo, que é a da "organização dos conceitos e orientação interpretativa". Pois, segundo Merton, "as realizações da análise funcionalista são suficientes para sugerir que a sua maior promessa será cumprida progressivamente, assim como suas atuais deficiências dão testemunho da necessidade de revisar periodicamente o passado, a fim de melhor edificar para o futuro" (MERTON, 1970: 85).

Os postulados mantêm, em primeiro lugar, que as atividades padronizadas ou itens culturais e naturais são funcionais para todo o sistema geográfico; em segundo lugar, que todos esses itens culturais e naturais preenchem funções geográficas; e em terceiro, que tais itens são conseqüentemente indispensáveis.

Embora esses três postulados apareçam uns em companhia dos outros, procuraremos examiná-los separadamente.

O POSTULADO DA UNIDADE TERRESTRE OU DA UNIDADE FUNCIONAL TERRESTRE

O postulado da unidade terrestre ou da unidade funcional terrestre foi o mais discutido pelos clássicos da Geografia, desde os gregos até os contemporâneos. Mas foi Vidal de La Blache, no seu trabalho intitulado *Le Principe de la Géographie Générale*, quem mais o analisou.

A idéia da unidade terrestre (de coerência ou harmonia universal), conforme La Blache, vem desde a Antiguidade clássica; diz ele: "L'idée de l'unité terrestre ne fut pas étrangère à l'antiquité grecque.

Confuse chez les premiers théoriciens de géographie, la conception d'un ensemble ordonné... l'organisme terrestre leur apparut comme une unité purement mathématique" (LA BLACHE, 1895-1896: 130). Podemos observar que a noção de unidade terrestre existe na Geografia desde uma concepção matemático-mecanicista; mas a partir do século XIX, com a influência dos progressos das ciências biológicas, a noção de unidade terrestre passou a ter uma abordagem organicista. É com La Blache que esse postulado se afirma na Geografia Funcionalista através do "princípio da unidade terrestre", onde ele diz: "L'idée que la terre est un tout, dont les parties son coordonnées, fournit à la géographie un principe de méthode dont la fécondité apparait mieux, à mesure que s'étend son application". (LA BLACHE, 1895-1896: 129).

Esse postulado também existe na Geografia através do "princípio de conexão", ou da idéia do "todo terrestre" desenvolvida por Jean Brunhes. Segundo Brunhes, "os fatos da realidade geográfica estão intimamente ligados entre si e devem ser estudados em suas múltiplas conexões". Isto é, um sistema geográfico tem certa espécie de unidade, a que podemos nos referir como unidade funcional terrestre. E Brunhes diz: "Em Meteorologia, em Zoologia, em Botânica, é possível isolar certos fatos, estudá-los unicamente em si mesmos. Em Geografia, no entanto, não se pode parar aí. E — coisa curiosa — o princípio de conexão, cuja aplicação é sobremaneira feliz em Geografia, penetrou até naquelas ciências particulares. Vimos nascerem: ao lado da Botânica, a Geografia Botânica, ao lado da Zoologia, a Geografia Zoológica" (BRUNHES, 1962: 32).

Na realidade, o princípio da conexão ou o postulado da unidade funcional não é só "feliz na Geografia" e "penetrou até naquelas ciências" (como coloca Brunhes), pois esse princípio e postulado é fruto do racionalismo idealista e do positivismo, influenciando todos os ramos do conhecimento científico, desde as ciências matemáticas até as naturais, biológicas e humanas. Apesar do princípio da unidade terrestre ter sua origem nas ciências matemáticas, foi a partir da segunda metade do século XIX, através das ciências biológicas e do positivismo, que ele se firmou nas ciências humanas¹. Os trabalhos de Fisiologia e de Medicina Experimental tornaram-se os paradigmas e a analogia para as demais ciências humanas e sociais no século XIX e início do século XX. Podemos perceber claramente este fato através do próprio Brunhes, que introduziu várias citações e analogias da obra *Introduction à la Médecine Expérimentale*, de Claude Bernard, confor-

¹ As influências do positivismo e do biologismo darwiniano na Geografia acham-se desenvolvidas no trabalho *Introdução ao Estudo do Funcionalismo na Geografia*, de Sílvio C. Bray (no prelo) da Revista *Geografia*, da Difusão Européia do Livro.

me a colocação que se segue: "Com efeito, nos organismos complexos, o organismo da vida forma um círculo fechado, mas um círculo que possui cabeça e cauda, no sentido de não terem todos os fenômenos vitais a mesma importância, se bem que tenham um segmento na realização do *circulum* vital. Assim, os organismos musculares e nervosos fornecem e mantêm a atividade dos órgãos que os produzem. Há uma *solidariedade orgânica e social*, que origina uma espécie de movimento perpétuo, até que o distúrbio ou a cessação de ação de um elemento vital necessário venha a romper ou determinar uma perturbação ou uma parada, no funcionamento da máquina animal" (BRUNHES, 1962: 40).

Os estudos biológicos transformaram-se em paradigmas tão importantes para a Geografia nesse período, que Brunhes cita constantemente as expressões "organismos terrestre" e "máquina terrestre", numa analogia entre Biologia e Geografia, procurando mostrar uma solidariedade orgânica e social entre os elementos que compõem o todo terrestre, dentro de uma concepção organicista.

Diz Brunhes: "A expressão 'organismo terrestre' pareceria, sem dúvida, por demais ousada; todavia, pode-se dizer, empregando as expressões de Claude Bernard, que há, entre todos estes fenômenos da máquina terrestre, uma solidariedade orgânica ou social. Nos exemplos que citei antes, tratar-se-ia de uma solidariedade que se poderia entender como particular ou local; agora, trata-se de uma solidariedade geral e universal. E afinal, que representa essa idéia, se não a própria idéia de conexão desenvolvida, aumentada, desabrochada?" (BRUNHES, 1962: 41).

La Blache mostra que a idéia que domina em todo o progresso da Geografia é a da unidade, e ressalta que Ratzel insistiu na concepção de fatos gerais estarem ligados ao organismo terrestre, cujo princípio foi básico para a obra *Antropogeografia*.

Apesar de La Blache aceitar o postulado da unidade funcional terrestre, ele ressalta que o encadeamento dos fenômenos variam em relação aos casos particulares. Também em Brunhes encontramos a mesma concepção; diz ele: "Forçar, por assim dizer, o elo que une os fenômenos uns aos outros é realizar obra de falsa ciência; e o espírito de crítica será aqui bem necessário, para permitir precisar com discernimento os múltiplos casos em que a conexão não é, de maneira alguma, uma causalidade" (BRUNHES, 1962: 435).

Podemos admitir que a unidade funcional completa do espaço geográfico não corresponde essencialmente à realidade, e que não se pode admitir a completa integração de todas as áreas do globo; deve-se, sim,

buscar uma escala de graus de integração. Pois determinados elementos geográficos podem ser funcionais para algumas áreas, mas disfuncionais para outras.

A idéia da unidade terrestre ou de harmonia universal entre o todo terrestre, apesar de ser utilizada pelos analistas funcionais, também existe em outras correntes do pensamento científico.

O POSTULADO DO FUNCIONALISMO UNIVERSAL

O postulado do funcionalismo universal surgiu em decorrência da controvérsia acerca dos "sobreviventes", ou melhor, da noção de "sobrevivência".

As teorias evolucionistas da cultura, que influenciaram os geógrafos dos fins do século XIX e início deste, tornaram o conceito de "sobrevivência" básico e fundamental para reconstruir os "estágios de desenvolvimento", ou "estágios de evolução", dos diferentes grupos humanos, particularmente para as sociedades ágrafas, as quais não possuíam nenhum registro escrito.

Os funcionalistas que desejavam afastar-se dos fatos fragmentários das sociedades ágrafas surgem com uma crítica à noção de "sobrevivência", como simbolismo de ataque a todo o sistema do pensamento evolucionista.

Conforme Merton, os funcionalistas reagiram de modo extremo contra este conceito de sobrevivência, e ofereceram um "postulado" também exagerado, segundo o qual "todo e qualquer costume ou modo de vida, em qualquer lugar da superfície terrestre, preenche alguma função vital" (MERTON, 1970: 98).

Malinowsky coloca esse postulado da seguinte maneira: "O conceito funcional da cultura incide, portanto, sobre o princípio de que cada tipo de civilização, cada costume, objeto material, idéia e crença preenche alguma função vital" (MERTON, 1970: 97).

Vidal de La Blache, no livro *Princípios de Geografia Humana*, procura, em toda a sua obra, mostrar a importância dos diferentes gêneros ou modos de vida existentes na superfície terrestre, onde os grupos humanos e o ambiente natural vivem num todo harmônico e coerente, e refuta a todo momento as teses evolucionistas, como podemos observar através da citação seguinte: "Nas diferentes condições de meio em que o homem se encontrou, e tendo primeiro de assegurar a sua existência, concentrou tudo o que possuía de destreza e de engenho para alcançar esse fim. Os resultados que atingiu, por inferiores

que nos possam parecer, testemunham qualidades que não diferem daquelas que encontram seu emprego nas nossas civilizações modernas senão pela menor soma de experiência acumulada" (LA BLACHE, 1954: 274).

La Blache continua mostrando que cada objeto existente em qualquer modo de vida possui a sua função, num todo harmônico e coerente; e explica: "O material que o *kirghiz* criou para usá-lo na sua vida de deslocamentos periódicos, a forma da tenda e dos vestuários, realizam um conjunto onde tudo subsiste como símbolo de um modo de vida. Igualmente, o material criado pelo esquimó para acorrer às necessidades da pesca, da navegação marítima, dos rápidos percursos no gelo ou no solo da tundra — trenós e tiros, *kayaks*, arpões, vestuário e cabanas — representa um todo no qual as diversas peças estão coordenadas" (LA BLACHE, 1954: 275).

Para Brunhes, o sentido da palavra "sobrevivência" tem, conforme a citação seguinte, uma característica funcional: "Os bulevares constituem em geral a única parte das cidades antigas que pode ser comodamente transformada, sem grandes demolições, em uma via ou uma série de vias mais largas, isto é, a linha das antigas muralhas. Essas últimas, uma vez demolidas, podem ainda *sobreviver* sob a forma de uma avenida de moderna aparência, na qual o traçado atesta a origem histórica. Em seu conjunto, os bulevares assinalam, *persistindo* sob uma forma nova, os traços essenciais de um passado desaparecido: Moscou e Praga, com seu *Prikope* (*graben*, fosso); Viena, com seu *Ring*, Milão, Trento, Bruges, Namur, Colônia, Saragoça, etc.; na França, abundam os exemplos de pequenas e grandes cidades que atualmente possuem bulevares no local de suas antigas muralhas: Amiens, Ruão, Chartres, Dijon, Auverne, Montluçon, etc." (BRUNHES, 1962: 161-162).

Podemos notar que o conceito de sobrevivência passa a tomar um sentido funcional de persistência: persistem a forma e a função de circulação das antigas muralhas, apesar de desaparecer a função de defesa. A forma das muralhas persiste através dos bulevares, e conserva através destes a função de circulação, e o que restou das muralhas e fossos ganha uma função turística e histórica.

Mas notamos que o postulado do funcionalismo universal na Geografia foi pouco discutido, primeiramente pelas influências do evolucionismo, e posteriormente devido aos geógrafos funcionalistas terem teorizado pouco em torno do assunto "sobrevivência".

O postulado irrestrito, de que todas as manifestações culturais exercem funções vitais, é muito mais um problema de investigação do

que uma conclusão que se anteponha a ele. Pois, embora qualquer manifestação cultural do homem nas diferentes áreas do globo possa ter funções, é prematuro sustentar inequivocamente que cada uma de tais manifestações deva ser funcional.

O POSTULADO DA INDISPENSABILIDADE

O postulado da indispensabilidade possui duas abordagens, relacionadas entre si, porém distinguíveis.

No primeiro caso, supõe-se a existência de certas "funções" que são consideradas indispensáveis, no sentido de que à medida que essas "funções" não se realizam o grupo humano ou o indivíduo não persistirão sobre o espaço geográfico. Essa abordagem desenvolve o conceito de "pré-requisitos funcionais" ou "pré-condições funcionalmente necessárias" à existência e interação dos grupos humanos no espaço geográfico (MERTON, 1970: 100).

Na Geografia, encontramos essas bases de "pré-condições funcionalmente necessárias", em Brunhes, nos "fatos da Geografia Humana, classificados por ordem de complexidade crescente", onde o autor discorre no 1.º item: "Da geografia das necessidades vitais básicas (necessidades fisiológicas fundamentais: comer, dormir, vestir-se)" (BRUNHES, 1962: 45).

A outra abordagem desse postulado alega a indispensabilidade das "formas geográficas, sociais e culturais existentes". Isto implica um conceito de estruturas especializadas e insubstituíveis e dá origem a toda espécie de dificuldades teóricas.

Neste caso, as necessidades funcionais são tomadas como determinantes das estruturas espaciais, através da indispensabilidade das práticas padronizadas dos gêneros ou modos de vida. Essa concepção, podemos vê-la em La Blache quando cita: "Si rien n'existe isolément dans l'organisme terrestre, si partout se répercutent des lois générales, de sorte que l'on ne puisse toucher à une partie sans soulever tout un enchaînement de causes et d'effets, la tâche du géographe prend un caractère différent de celui que lui est parfois attribué" (LA BLACHE, 1895-96: 129). Isto significa que todas as funções desempenhadas pelo conjunto de elementos geográficos numa estrutura espacial são indispensáveis. E à medida que as formas ou funções de um desses elementos desapareçam ou cessem, implicarão numa alteração do sistema e numa modificação da estrutura.

De acordo com Merton, "não só se pode demonstrar que isto é manifestamente contrário aos fatos, mas também que acarreta di-

versas suposições subsidiárias, as quais têm afetado a análise funcional desde seu início" (MERTON, 1970: 100).

Portanto, esta abordagem desvia a atenção do fato de que as estruturas espaciais alternativas (e as formas espaciais naturais e culturais) têm servido, sob condições a serem examinadas, às funções necessárias à persistência dos modos de vida. Assim, Merton estabelece um teorema básico da análise funcional que diz: "*Tal como a mesma coisa pode ter múltiplas funções, assim pode a mesma função ser diversamente preenchida por coisas diferentes*". As necessidades funcionais são, desse modo, tomadas como permissivas, ao invés de determinantes das estruturas espaciais específicas. Em outras palavras, segundo Merton, "há uma margem de variação nas estruturas que preenche a função em questão".

Diferenciando-se portanto deste conceito de formas espaciais ou culturais indispensáveis (instituições, práticas padronizadas, gêneros ou modos de vida, etc.), existe o conceito de *alternativas funcionais, ou equivalentes funcionais, ou substitutivos funcionais*, sendo esse conceito amplamente reconhecido e utilizado pelos funcionalistas atuais.

ASPECTOS IDEOLÓGICOS

Os três (3) postulados, tanto separadamente quanto em harmonia, ou relacionados entre si, são a fonte da apreciação comum de que a análise funcional envolve certos compromissos ideológicos. Tanto o postulado da unidade funcional como o da universalidade e indispensabilidade compreendem um sistema de premissas, as quais inevitavelmente conduzem a uma glorificação do estado de coisas existentes. E apesar de todo o valor intelectual da análise funcional, ela se apresenta para muitos críticos comprometida com uma perspectiva "conservadora" e mesmo "reacionária".

Através de seus postulados, a análise funcional mostra a ordem harmoniosa entre os elementos geográficos, onde esses elementos vivem relacionados entre si num meio harmônico da natureza e do homem e dos homens entre si, alienando-se das contradições existentes no sistema e das lutas de classes.

Merton diz: "Para alguns críticos, a teoria funcional é meramente a orientação do cientista humano conservador, que defenderia a presente ordem de coisas assim como ela é, e que atacaria a conveniência de se fazerem mudanças, embora moderadas" (MERTON, 1970: 104). Dentro desse ponto de vista, o analista funcional sistematicamente não pode confundir o familiar com o necessário, e aquilo que chamamos de formas geográficas necessárias, elementos ou fatos geográficos indispensáveis, são elementos aos quais nos acostumamos. Po-

demos perceber que, se o postulado da indispensabilidade for adotado, poderá facilmente dar origem a tal acusação ideológica. Merton procura dar maior abertura ao assunto, mostrando que a análise funcional criticamente revisada é *neutra* relativamente aos principais sistemas ideológicos, pois ela é considerada semelhante àquelas teorias ou instrumentos das ciências naturais e biológicas, os quais se prestam indiferentemente ao uso de grupos opostos, para finalidades que freqüentemente não fazem parte da intenção dos cientistas. Isto é, a análise funcional pode servir a esta ou àquela corrente ideológica, mas sua interpretação científica mostra-se muitas vezes manchada de ideologia.

Florestan Fernandes diz o seguinte: "Por aí se vê que, como em outras coisas, a ciência não é responsável em si mesma pelas ideologias do meio social circundante. Ela sofre as suas influências de várias maneiras, através das acomodações intelectuais dos próprios cientistas, e às vezes chega a ser representada por produtos dessas acomodações, como se os componentes ideológicos fossem inerentes ao pensamento científico. Pouco a pouco, porém, o horizonte intelectual se clarifica, já que o método científico contém os elementos que são essenciais à sua contínua depuração. Então, vai-se descobrindo o que, nas convicções dominantes, tem relação com os postulados da ciência e o que procede das imperfeições da inteligência humana. O chamado 'funcionalismo' oferece um bom campo de exercícios a quem pretenda fazer análises dessa espécie" (FERNANDES, 1970: 200).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRAY, S. C. (1976) — *Introdução ao Estudo do Funcionalismo na Geografia* (inédito).
- BRUNHES, J. (1962) — *Geografia Humana*. 1. ed. Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura.
- FERNANDES, F. (1967) — "O Método de Interpretação Funcionalista na Sociologia", in: *Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica*. Parte II. São Paulo, Companhia Editora Nacional, p. 185-215.
- (1970) — "Funcionalismo e Análise Científica na Sociologia Moderna", in: *Elementos de Sociologia Teórica*. Cap. 8. São Paulo, Editora da USP e Companhia Editora Nacional.
- LA BLACHE, V. de (s.d.) — *Le Principe de la Géographie Générale*. In: *Annales de Géographie*, tomo V, outubro 1895 a outubro 1896. Paris, Armand Colin et Cie., Editeurs, p. 129-142.
- (1954) — *Princípios de Geografia Humana*. 2. ed. Lisboa, Edições Cosmos.
- MERTON, R. K. (1970) — *Sociologia — Teoria e Estrutura*. São Paulo, Editora Mestre Jou.

RESUMO

Este trabalho foi baseado nas obras dos teóricos do funcionalismo nas ciências humanas, principalmente em Robert K. Merton e Florestan Fernandes. Quanto à Geografia Funcionalista, os dados sempre tiveram um papel mais importante do que a teoria e o método. Os analistas funcionais baseiam-se em três postulados muito interligados entre si; são eles:

- 1º) Postulado da unidade funcional terrestre;
- 2º) Postulado do funcionalismo universal;
- 3º) Postulado da indispensabilidade.

O 1º postulado diz que as atividades padronizadas, ou itens culturais e naturais, são funcionais para todo o sistema geográfico. O 2º postulado, que surgiu contra o conceito evolucionista de "sobrevivência", mostra que "todo e qualquer costume ou modo de vida preenche alguma função vital em qualquer lugar da superfície terrestre". O 3º postulado alega a indispensabilidade das "formas geográficas existentes", e mostra que todas as funções desempenhadas pelo conjunto de elementos geográficos numa estrutura são indispensáveis.

Através de seus postulados, a análise funcional mostra a ordem harmoniosa entre os elementos geográficos, conduzindo muitas vezes a uma glorificação de coisas existentes; e apesar de todo o valor da análise funcional, ela se apresenta para muitos críticos comprometida com uma perspectiva conservadora.

SUMMARY

This article is based on the works of the theoreticians of functionalism in human sciences, mainly Robert K. Merton and Florestan Fernandes. As for Functionalist Geography, data have always had a more important role than theory and method. Functional analysts are based on three very interconnected postulates:

- 1st) Postulate of terrestrial functional unity;
- 2nd) Postulate of universal functionalism;
- 3rd) Postulate of indispensability.

The 1st postulate asserts that standardized activities, or cultural and natural items, are functional for the whole geographic system. The 2nd postulate, which emerged against the evolutionist concept of "survival", shows that "every custom or way of life fills some vital function on every place of the terrestrial surface". The 3rd postulate declares the indispensability of "existent geographic forms", and shows that every function performed by the assemblage of geographic elements in a given structure are dispensable.

Through its postulates, functional analysis shows the harmonious order between the geographic elements, often leading to a glorification of existent things; and notwithstanding its value, functional analysis is seen by many critics as engaged in a conservative perspective.

RÉSUMÉ

Ce travail s'est fondé sur les oeuvres des théoriciens du fonctionnalisme dans les sciences humaines, surtout Robert K. Merton et Florestan Fernandes. En ce qui concerne à la Géographie Fonctionnaliste, les données ont toujours eu un rôle plus important que la théorie et la méthode. Les analystes fonctionnels se fondent sur trois postulats très interliés, et qui sont:

- 1^{er}) Postulat de l'unité fonctionnelle terrestre;
- 2^e) Postulat du fonctionnalisme universel;
- 3^e) Postulat de l'indispensabilité.

Le 1^{er} postulat dit que les activités standardisées, ou items culturels et naturels, sont fonctionnels pour tout le système géographique. Le 2^e postulat, qui a surgit contre le concept évolutionniste de "survivance", montre que "toute coutume ou façon de vivre accomplit une certaine fonction vitale dans n'importe quel endroit de la surface terrestre". Le 3^e postulat déclare l'indispensabilité des "formes géographiques existantes", en montrant que toutes les fonctions accomplies par l'ensemble des éléments géographiques dans une structure sont indispensables.

Par ses postulats, l'analyse fonctionnelle montre l'ordre harmonieux entre les éléments géographiques, qui mène souvent à une glorification de choses existantes; et malgré toute la valeur de l'analyse fonctionnelle, elle se présente pour beaucoup de critiques comme engagée à une perspective conservatrice.
